

DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO PRODUZIDO NA ENFERMAGEM*

*"Se a ciência tem por objetivo conhecer e dominar a natureza para servir ao homem, compete ao cientista, ou ao pesquisador, comunicar os resultados de seus estudos, pois esta é uma maneira de ser ele "social". Surge o genuíno sentido da "divulgação científica".
Salomão (1974).*

*Emília Luigia Saporiti Angerami**
Maria Cecília Puntel de Almeida***

ANGERAMI, E. L. S. & ALMEIDA, M. C. P. de. Divulgação do conhecimento científico produzido na enfermagem. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 16(2):211-223, 1982.

Neste trabalho é listado os veículos utilizados pelos autores da literatura científica para divulgar seus trabalhos, particularmente em revistas e o número de revistas de enfermagem indexadas no Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature (1981). O Brasil tem 3, sendo este número maior do que o de vários países mas muito pouco se comparado com 8 do Canadá, 10 do Japão e 139 dos EUA. Teses escritas por enfermeiras brasileiras são mencionadas bem como os catálogos onde elas são registradas. Os autores também discutem a informação oral que ocorre em convenções, seminários etc., e salienta as dificuldades sentidas pelas enfermeiras brasileiras para terem acesso à literatura de enfermagem.

INTRODUÇÃO

Conceituar ciência seria o mesmo e tão presunçoso quanto definir a própria vida; ciência é o produto consciente da humanidade com suas origens históricas bem documentadas, um escopo e um conteúdo bem definido e uma comunidade de investigadores científicos.

O papel da ciência, como criadora do saber, do conhecimento, nunca será superestimado e quanto maior for a ênfase e o valor dado ao seu papel e ao pessoal a ela dedicado, tanto maior o resultado obtido e os benefícios para a nação.

O objetivo da ciência não é apenas enunciar postulados ou acumular informações; o empreendimento científico é cooperativo; nunca é um indivíduo sozinho, em monólogo com a natureza, com intuito de conhecê-la; é produto de indivíduos que partilham o trabalho e se fiscalizam constantemente.

A comunidade científica sempre exigiu muito mais de seus membros do que simples adesão ou mera curiosidade e entusiasmo intelec-

* Trabalho apresentado no II Seminário de Perspectivas em enfermagem — avaliação e perspectiva — Pronicção Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq — Brasília, 1982.

** Docente do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto — USP. Enfermeira.

tual. Através de seus órgãos de comunicação, ela apresenta novas teorias e descobertas e as submete à crítica. Antigamente estas críticas chegavam a criar desentendimentos pessoais, mas, a evolução dos mecanismos sociais e psicológicos conseguiu o desenvolvimento de grupos de pesquisadores interessados nos mesmos problemas.

Segundo ZIMAN (1979), entretanto, ciência não significa simplesmente conhecimentos ou informações publicadas. Observar um fato, tirar conclusões e publicá-las, qualquer cidadão que tiver apoio financeiro poderá fazê-lo. O conhecimento científico é mais do que isso. Seus fatos e teorias tem que passar por um crivo, por uma fase de análise crítica e de provas, realizadas por outros indivíduos competentes e imparciais, para que possam ser universalmente aceitos.

As descobertas têm importância crucial na ciência, porque explicitam conceitos vagos, não testados que trazidos à luz podem ser aceitos ou rejeitados.

A comunidade à qual são endereçadas as publicações não é passiva; ela as aceita ou as rejeita; em outras palavras, pesquisa é uma atividade social.

BÜNGE (1977) define desenvolvimento científico de uma ciência em particular como consistindo de aumento do volume e da qualidade da produção científica da comunidade que cultiva determinada ciência.

A história do desenvolvimento da humanidade como refere FERREIRA (1980), é a história da capacidade de utilização do conhecimento adquirido, acumulado e transmitido de geração a geração através de mecanismos rudimentares até os sofisticadíssimos sistemas concebidos na última década. Através do tempo, o homem tem lutado obstinadamente para gravar, com sentido de permanência, cada nova conquista do conhecimento, possibilitando sua recuperação subsequente; para isto, tem usado toda sua criatividade. Deixar de publicar o que por direito pertence ao consenso é um crime contra a ciência, que só pode ser justificado pelas exigências de um sistema social cujos fins não estejam bem claros.

Na prática, entretanto, pode surgir algum problema. O pesquisador tem que decidir o momento ou escolher o instante em que deve interromper seu trabalho e publicar suas descobertas. Alguns são muito exigentes e nunca se sentem satisfeitos, ou suas descobertas nunca estão suficientemente testadas; outros apressam-se em imprimir e divulgar apontamentos.

Não há normas para isto; pode-se concluir que a pesquisa não publicada é inútil, nem as implicações de determinadas descobertas nem a teoria poderão ser aceitas ou refutadas. O pesquisador deve publicar seu trabalho quando achar que está em nível de amadurecimento, consistência e que os outros terão oportunidade de julgá-lo sem objeções concretas e definidas.

A publicação prematura é um dos problemas da ciência moderna. Muitos sentem-se obrigados ou ansiosos em apresentar determinado número de trabalho e passam a imprimir uma enfiada de comunicações mal alinhavadas que são desrespeito à comunidade científica, ao exigir a atenção dos colegas para algo que poderá vir a ser, mas que no momento é mera especulação.

Outro aspecto a ser abordado na construção do conhecimento é o dos temas de pesquisa. Muitos pesquisadores, por comodismo, passam a vida ao redor de um determinado assunto que nem sempre atinge os objetivos propostos. Outros empenham-se em resolver problemas inteiramente novos, não só porque as velhas trilhas esgotaram-se, como também porque novos cientistas têm novos interesses.

É preciso respeitar a criatividade e a imaginação, ou seja, a capacidade de construir novos modelos e combinação de idéias; e é prudente lembrar que conhecimento, imaginação e senso crítico são os três requisitos que a mente científica deve possuir em abundância.

O cientista verdadeiro não pode ignorar o presente, esquecer o passado e mostrar-se indiferente diante da possibilidade de traçar o futuro, mas não deve ser ingênuo ao ponto de aceitar qualquer capricho ou fantasia passageira.

Muito pouco se tem escrito sobre representatividade da literatura científica brasileira. Reportando-nos a WATSON (1981), em seu excelente artigo "Nursing's Scientific Quest", verificamos que o termo ciência de enfermagem foi raramente usado na literatura de enfermagem antes de 1950. Com as mudanças na educação em enfermagem, entretanto, e o desenvolvimento de novas práticas de saúde, as expectativas mudaram. A mesma autora diz que a enfermagem criou falsas dicotomias, tais como o que é enfermagem e o que é verdadeiro e legítimo para o desenvolvimento da ciência de enfermagem. Ela exemplifica estas dicotomias da seguinte forma:

enfermagem arte	X	enfermagem ciência
enfermagem profissão	X	enfermagem "disciplina"
enfermagem fazer	X	enfermagem conhecer
enfermagem prática	X	enfermagem teórica
mente	X	corpo
cuidar	X	curar

Conclui dizendo que a enfermagem está repleta de conflitos metodológicos para a prática, pesquisa e desenvolvimento de teorias; mas sugere que novas pesquisas devem surgir, com liberdade científica e social e abertura para resolver problemas conceituais e empíricos.

Estudos têm sido conduzidos com intuito de verificar o quanto a pesquisa tem influenciado a prática e CUDDIHY (1979) diz que: pesquisas de enfermagem são produzidas em instituições educacionais e publicadas em revistas da própria universidade. Este processo não asse-

gura que os achados sejam incorporados à prática. A grande distância entre a pesquisa e a prática é ainda um problema a ser superado na enfermagem.

Na área da ciência da saúde, o desenvolvimento científico deve ser conseguido nos centros de pesquisa, em universidades, hospitais-escola, hospitais de prestação de assistência, centros de saúde e outras instituições governamentais e particulares que tenham em seus objetivos realização de pesquisa.

Qualquer plano de desenvolvimento científico e tecnológico deverá contar com informações adequadas sobre a situação existente para que se tenha idéia dos recursos humanos e materiais; informações sobre centros onde determinadas pesquisas são desenvolvidas, linhas de pesquisa, equipamentos existentes são dados imprescindíveis para o estabelecimento de programas.

Embora nosso objetivo seja a divulgação do conhecimento em enfermagem, queremos nos reportar ao que revelou o simpósio sobre “Tecnologia Biomédica” promovido pela Academia de Ciências do Estado de São Paulo e Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo (1977):

- escassez de recursos bibliográficos em muitos casos;
- carência de recursos humanos qualificados com liderança científica;
- carência de banco de informações sobre pesquisas realizadas e em andamento no País.

Se essa escassez de recursos existe no âmbito geral, é de se esperar que o mesmo fenômeno ocorra na enfermagem com igual ou maior intensidade.

SALOMON (1974) conceitua “divulgação científica” como: a comunicação ao público, em geral ou particular, de conhecimentos extraídos de obras de investigação científica e tratados à maneira científica com o fim de informar. A finalidade da informação segundo WHITE (1981) consiste em ajudar os que têm autoridade para tomar decisões, a compreender melhor os problemas e as questões, bem como a utilidade relativa de diferentes opções.

A explosão da informação tem sido preocupação para os cientistas da informação, os quais buscam soluções a curto, médio e longo prazo.

MEIOS DE DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Os meios mais freqüentemente usados para divulgação são: revistas e livros especializados, boletins, folhetos, trabalhos universitários como teses que são catalogadas, exposições orais (painéis, mesas redondas, congressos, seminários, etc.) e outros.

Limitados pelos fatores tempo e recursos, além de não sermos especialistas na ciência da informação, apresentaremos alguns dados obtidos

em consultas pessoais e na escassa bibliografia existente. Nosso objetivo no caso é focar as dificuldades vivenciadas como pesquisadores, tanto na publicação como na obtenção da informação necessária.

Periódicos

No século XVII, a comunicação de uma informação de um pesquisador a outro era feita por correspondência pessoal. Na falta de um centro oficial que transmitisse as informações, a tarefa da pessoa manter-se atualizada devia ser difícil e aleatória. Em vista disto a criação de periódicos científicos teve importância fundamental.

A vantagem da publicação regular é que proporciona divulgação rápida de grande número de pesquisas que se tomadas separadamente, não teriam grande significado, mas que, em conjunto, estimulam novos trabalhos sobre os quais se alicerçam os grandes avanços científicos. Ao mesmo tempo, a revista implica num certo grau de sociabilidade entre os que a assinam e tem papel de arquivo. LANCASTER (1975), discutindo o processo de acessibilidade da informação e a velocidade com que o trabalho pode estar disponível ao pesquisador, diz que o periódico é ainda o eleito; entretanto, relatórios de pesquisa, "preprints" e informações orais, são, na comunicação informal ou semi-formal, mais rápidas e podem estar disponíveis até 6 meses após o início do projeto. Enfatiza ainda que, na melhor das circunstâncias, o artigo pode aparecer até 6 meses após o término do projeto, que se torna acessível pelos "Current Contents". O tempo transcorrido entre a apresentação do trabalho e sua publicação, de acordo com KUMATE (1981), pode ser de até dois anos. Esta limitação real é o obstáculo mais sério para utilizar a informação tradicional como meio de atualização em um campo determinado.

Pesquisar o que foi escrito ou dito sobre determinado assunto é tarefa demorada, cansativa e incerta; nunca se tem certeza se foram encontrados todos os trabalhos que eram realmente importantes.

Além das consultas à Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) e outras fontes que possuem sofisticados sistemas de pesquisa por computação, nossas bibliotecas dispõem de Índices e "Abstracts" que mantêm atualizada a comunidade científica sobre o assunto de seu interesse.

Consultamos os últimos números existentes na biblioteca do Campus da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto, do "International Nursing Index" (1981) e "Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature" (1981) e damos a seguir, no quadro I, a relação das revistas de enfermagem indexadas em ambos os índices, ou em um deles.

QUADRO I — Revistas de Enfermagem indexadas no International Nursing Index e/ou Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature (1981).

País	Nº de Revistas Indexadas
Alemanha Austria Chile Coréia do Sul Filipinas Hawaí Irlanda Índia Israel Jamaica México Nigéria Porto Rico Quênia Singapura Tailândia Venezuela Zâmbia	01
África do Sul Rodésia	02
Brasil China França	03
Austrália	04
Inglaterra	06
Canadá	08
Japão	10
U.S.A.	139

Uma das maiores conquistas dos países Latino Americanos foi a BIREME editar o Index Medicus Latino Americano, que teve início em 1979. O último número publicado é de janeiro a junho de 1981. Neste Index só é citada a “Revista da Escola de Enfermagem da USP”.

As revistas brasileiras indexadas no International Nursing Index (INI) são: Enfermagem em Novas Dimensões, que há alguns anos

deixou de circular, Revista da Escola de Enfermagem da USP e Revista Paulista de Enfermagem, indexada a partir do volume 16, número 3, 1981, (do INI). A Revista Brasileira de Enfermagem, nossa mais antiga revista, editada pela ABEn, que congrega o pensamento da enfermagem brasileira, deixou de ser indexada pelo INI em 1978; a partir do volume 13, número 1, 1978 deste índice, não consta mais sua indexação.

Em trabalho realizado por OLIVEIRA (1980) onde foi estudada a utilização dos periódicos em algumas bibliotecas biomédicas de Salvador, revelou ser a Revista Brasileira de Enfermagem a mais consultada, distanciando-se da segunda colocada em 485 pontos, a Revista Paulista de Hospitais.

Procuramos ainda saber, dos editores das revistas de enfermagem do Brasil, sua problemática; considerando que as respostas são muito semelhantes, podemos dizer que o fator financeiro é o que tem determinado atrasos, interrupções; seu corpo editorial é composto de comissões eleitas entre docentes da Universidade, que freqüentemente são substituídas, devido a sobrecarga de atividades; não há falta de trabalhos para publicação, há falta de pessoal de apoio para a maior divulgação da revista.

Os enfermeiros também publicam em revistas não específicas de enfermagem, o que torna de maior amplitude a divulgação de trabalhos e, ao mesmo tempo, dificulta a busca de informações, pois a pesquisa deve ser feita em índices bibliográficos gerais.

Outro aspecto de relevância é a adequação das coleções de revistas nas Escolas de Enfermagem: quantos títulos a escola possui? Existe empréstimo entre bibliotecas?

Sabemos que estes aspectos envolvem problemas de verba, espaço, pessoal de apoio, etc. Nos países do terceiro mundo tem-se que investir para que sejam mudadas as condições atuais. A informação é matéria-prima para pesquisa, para educação continuada e para o processo de desenvolvimento.

São fontes de informação, antes da publicação do trabalho: o "preprint", os resumos de congressos, de que constam projetos de pesquisas, e a nota prévia.

"Preprint" é duplicata de um trabalho que aguarda publicação, mas ainda não foi aprovado pelo corpo editorial; é uma cópia do original que o autor passa para amigos, rivais ou colegas, buscando sugestões antes da impressão. Não sabemos se este método é utilizado na enfermagem. Ocasionalmente, originais circulam entre pesquisadores, especialmente devido a demora nas publicações em revistas.

O pesquisador pode saber de projetos por resumos de congressos e contactar diretamente o autor.

A nota prévia, publicada após a aprovação do projeto, também representa uma fonte de informação relevante para os que consultam os "currents contents" (índices bibliográficos).

Catálogos

Até há bem pouco tempo, o controle de teses no Brasil era inexistente; entre os assuntos cobertos pelo Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional, enfermagem não constava; há entretanto que lembrar que a primeira tese em Enfermagem, ocorreu em 1963 (ALCÂNTARA, G. A enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira).

Após a implantação dos cursos de pós-graduação no Brasil, começamos a notar certa preocupação com o controle de teses, ainda de modo restrito e isolado (CAMPELLO & CALDEIRA, 1977).

Atualmente, podem ser encontradas citações de teses de enfermagem nos catálogos de circulação nacional como no banco de teses do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e do Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem (CEPEEn) da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). Ainda há os catálogos de universidades, com circulação restrita entre elas, como catálogo da Coordenadoria de Atividades Culturais da Universidade de São Paulo.

Os catálogos do MEC foram editados a partir de 1976; a última publicação que temos na nossa Biblioteca é do ano de 1979. A informação consta de: autor, título da tese, resumo, e nome do orientador. Estes catálogos têm como objetivo divulgar informações sobre teses defendidas nas universidades do País ou no exterior, por autores brasileiros: são catálogos que se revestem de importância maior, porque são documentos de registro, junto às instituições. Estas teses indexadas estão em disponibilidade e podem ser apenas consultadas ou consultadas e reproduzidas.

O MEC cadastra estas teses por solicitação aos órgãos de pós-graduação, os quais preenchem um formulário e o devolve ao Centro de Informática (CIMEC). No volume número 1, do ano de 1976, constam 24 teses de enfermagem; no volume número 2, do ano de 1977, 6 teses; no volume número 3, do ano de 1978, 9 teses; e no volume número 4, do ano de 1979, 58 teses. Percebemos que o número de teses de cada ano é muito irregular, por não obediência à sistemática estabelecida para divulgação dos dados. O número total de teses publicadas até 1979 é de 97 teses. A informação nestes catálogos não tem sido uniforme; há várias teses sem resumo, ou sem que neste constem os objetivos.

O outro catálogo de teses de enfermagem é o do CEPEEn, específico da área de enfermagem do qual houve duas edições, 1979 e 1980; tem como finalidade dar todas as informações sobre o trabalho: objetivo, resumo, local de defesa, ano, grau obtido e informações sobre o autor (nome, endereço, universidade a que pertence); desta maneira é facilitado o intercâmbio entre autores, a fim de que seja possível que estudiosos interessados no mesmo assunto troquem informações. Embora o catálogo só forneça o resumo, a comunidade científica de enfermagem sabe o que está ocorrendo; além disso, em termos de novos trabalhos,

os interessados podem obter o trabalho na íntegra, pois o CEPEn faz as reproduções sempre com a autorização dos autores.

Num país de extensão territorial como o Brasil, onde as distâncias são enormes, um serviço de centralização de informação na enfermagem é imprescindível, porque apoia o pesquisador e possibilita a informação para todas as regiões, impedindo a reprodução de assuntos já explorados, ou dando informação sobre assunto pouco explorado.

Nos dois catálogos foram indexadas 120 teses com informações completas.

Se comparamos os catálogos do CEPEn com os do MEC, verificamos que, em dois anos, o CEPEn conseguiu indexar 23 teses a mais que o MEC, sendo que, 55 títulos de teses constam nos dois catálogos. É necessário ressaltar que as informações do CEPEn estão completas, o que nem sempre ocorre com as do MEC. Isto pode ser devido ao fato que o CEPEn, no início, dirigia-se ao autor e solicitava informações; após o reconhecimento e credibilidade do centro pela comunidade de enfermagem, os autores dirigem-se espontaneamente ao CEPEn, enviando seus trabalhos para publicação.

Reuniões Científicas

Nas reuniões científicas, tais como seminários, congressos, conferências etc., além da comunicação oral no momento da exposição, há ainda possibilidade de contato entre os profissionais e de discussão, surgindo o intercâmbio de informações entre especialistas em determinados temas.

Os assuntos específicos dos trabalhos e resumos a serem apresentados nas reuniões podem ser conhecidos antecipadamente pelos participantes, através de programas distribuídos pelos organizadores; um trabalho pode, assim, ser apresentado numa conferência muito antes de um artigo de periódico. Os trabalhos aparecerão na íntegra alguns meses depois em "Atas" ou "Anais".

A ABEn, desde 1977, edita Anais dos Congressos Brasileiros de Enfermagem, que constituem uma importante fonte de informação; nestes se encontra a temática central dos Congressos, a qual representa o discurso da enfermagem brasileira, ou seja, a preocupação dos profissionais naquele determinado instante.

A informação oral, como a que ocorre nos congressos, seminários, jornadas, etc. pode perder-se, fato que não deve acontecer; é recomendável que terminado o encontro, os trabalhos e resultados sejam escritos e divulgados, mesmo sob forma de sinopse.

Boletins Informativos, Jornais e Folhetos

Este tipo de divulgação mantém a comunidade constantemente informada sobre o que ocorre nos meios científicos e profissionais.

Citamos como exemplo: leis, normas, edições novas de livros, revistas, encontros, reivindicações da classe e outros assuntos de interesse. A ABEn tem se utilizado deste tipo de divulgação através do Informativo ABEn.

Apesar de ser um material de difícil arquivamento e catalogação, é importante sua guarda.

Meios de Comunicação de Massa

Os meios de comunicação de massa, TV, Rádio, Jornal, têm, como um de seus objetivos, divulgar para a população o que está ocorrendo na comunidade científica.

Não pretendemos entrar no mérito da validade destes meios, nem polemizar quanto às formas utilizadas para a referida divulgação.

Desejamos alertar os enfermeiros, pesquisadores ou não, sobre o fato de que, sendo a enfermagem uma profissão em questionamento, cujo espaço precisa ser mantido e, muitas vezes, conquistado, é importante a população conhecer o trabalho dos enfermeiros, para que possa sentir sua utilidade e a participação social desse profissional. Seria conveniente que em espaços reservados para opiniões livres, a enfermagem passasse a expressar seus pontos de vista e a apresentar o fruto de seus estudos. Não se trata de vulgarizar a ciência, mas apenas de divulgar o papel social do profissional de enfermagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração deste documento, pudemos observar o quanto ainda há para ser feito na área da informação científica em geral, e, especialmente na enfermagem, no Brasil.

As bibliotecas têm seu acervo incompleto e lutam com problemas financeiros e de recursos humanos. As edições nacionais são frequentemente interrompidas, o que dificulta a recuperação dos dados necessários. Não possuímos um sistema para a centralização e comunicação da informação da enfermagem, nem a nível nacional nem regional. Isto nos leva a refletir sobre o porquê destas dificuldades.

O processo de comunicação pode ser resumido em: alguém que diz “o quê”, “para alguém”, através de um canal.

Quem diz “o quê”, “para quem”, “por quê”, por quais canais na Enfermagem? Quem “diz” são os líderes, os quais, através de suas publicações, tentam teorizar o objeto da prática da profissão; esta é a construção do saber. Será que este saber é construído através das questões que surgem da prática?

A pouca produção científica na enfermagem tem retardado a construção de seu saber; acresce o fato de que na atualidade esta produção está centrada nas universidades, nos cursos de pós-graduação. A produção oriunda dos enfermeiros de campo tem diminuído sensivel-

mente a partir de 1960 (LOPES, 1981), o que mostra uma contradição, pois é no próprio processo de trabalho, ou seja, no cuidado do paciente, que se dá a essência da enfermagem.

Outro grande dilema é o “quê” está sendo produzido. ALMEIDA et alii (1981) estudaram a produção científica na pós-graduação em enfermagem no Brasil; concluíram que a produção de conhecimentos está centrada nos aspectos internos da prática profissional, enquanto prática técnica, e que estudos sobre a própria profissão, como prática social, são escassos. Se há tantos problemas com esta prática, por que não estudá-la?

Pergunta-se: quem consome esta produção? Os serviços de saúde estão interessados em que seus enfermeiros absorvam este conhecimento e modifiquem a prática? A prática é exercida, na sua maioria, pelos atendentes de enfermagem, supervisionados por enfermeiros. O saber tem como objetivo a melhoria da assistência; o problema reside em “como” transmitir este saber aos atendentes e auxiliares, e se este saber deve ser transmitido. Resta uma profunda questão: “esta produção de conhecimentos reverte em benefício do paciente?” Por que se tem estimulado a produção científica em enfermagem? Com que finalidade? Com qual objetivo?

O que deve ser feito é mobilizar recursos para que esta produção transforme a prática.

Todos estes “questionamentos” da enfermagem precisam ser estudados e analisados para aclarar estas controvérsias e isto só é possível com apoio financeiro e tecnológico, pois a enfermagem é uma das profissões de saúde que se institucionalizou há menos de um século.

Para que esta produção se torne acessível ao usuário, ela passa por canais de comunicação e, na enfermagem, pelo que podemos observar neste nosso estudo, os periódicos e congressos, são os meios mais utilizados. LANCASTER (1975) diz quanto mais rapidamente um projeto de pesquisa chama atenção da comunidade científica e os resultados deste projeto, mesmo preliminares, são disseminados, tanto melhor para a pesquisa científica como um todo. Embora os periódicos e os serviços secundários que resumem e/ou indexam a literatura periódica tenham real importância no quadro total da comunicação, eles não são as fontes mais importantes de informação sobre a pesquisa corrente. Maior ênfase deve, portanto, ser dada àqueles canais de comunicação que têm potencial para disseminar resultados de pesquisa mais rapidamente de que os canais convencionais de literatura.

Vimos a lentidão com que nossa divulgação científica ocorre, quão pouca ênfase tem sido dedicada a este problema, que é básico para o desenvolvimento da profissão.

É preciso que os enfermeiros despertem e busquem soluções para este problema; informação é um processo social; resta uma questão: em que grau e em que nível está a Enfermagem comprometida neste processo?

Tentamos verificar onde os nossos pesquisadores publicam e o quanto da produção científica é publicada; pela deficiência de indexação das revistas de enfermagem e por não sabermos quais as revistas eleitas, preferimos omitir os dados obtidos; entretanto, podemos inferir, só pelas teses catalogadas pelo CEPEn, que muito da nossa produção não é divulgada nem em congressos, periódicos ou catálogos, perdendo-se assim, o essencial, que é a incorporação dos achados ao "saber".

POBLACIÓN & SILVA (1980), analisando o perfil do "usuário de saúde", utilizam como população os pós-graduandos de enfermagem e concluem que, mesmo sendo um estudo piloto, os usuários são inexperientes no manuseio de documentação; 90,3% desejam manter-se atualizados, interessando-se pela comunicação informal e pela bibliografia. Ressaltam as dificuldades para obterem informações, dada a deficiência de nossos acervos.

Como esperávamos, a pós-graduação é o novo alento para a profissão e para a pesquisa. O advento do Doutorado abre novas exigências; é preciso agilizar a informação na enfermagem, pois já estamos com algumas décadas de atraso e deveremos agora queimar etapas e fazer uso da herança cultural da humanidade.

A Divisão de informação científica de um centro de Documentação deve ser composta de dois departamentos. *Departamento de documentação*, com a função de organizar a informação científica em saúde e as seguintes atividades: 1) recoletar, processar e arquivar a bibliografia nacional; 2) oferecer à comunidade científica o serviço de informação nacional; 3) coordenar a distribuição de bibliografia regional para investigadores; 4) preparar e atualizar diretórios de institutos de investigação, investigadores e projetos de investigação. *Departamento de Publicação* tem por função difundir a produção científica nacional em saúde e as seguintes atividades: 1) publicar o boletim do instituto; 2) publicar o resultado das investigações do instituto.*

Para finalizar, queremos ressaltar que não é suficiente colocar informação à disposição do usuário; é necessário que ele seja capaz de utilizá-la, para que os resultados sejam realmente benéficos.

ANGERAMI, E. L. S. & ALMEIDA, M. C. P. de. Spreading out Brazilian nursing scientific knowledge. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 16(2):211-223, 1982.

The authors list the vehicles used by authors of scientific literature to have their work known, particularly journals, and the number of nursing journals indexed in the Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature (1981). Brazil has 3, which is higher than many countries but very low compared to 8 in Canada, 10 in Japan, 139 in USA. Thesis written by Brazilian nurses are mentioned as well as the existing catalogues where they are registered. The authors also discuss oral information given out at conventions, workshops, seminars, etc and emphasize the difficulties felt by Brazilian nurses to have access to nursing literature.

* Juan C. Garcia — Consultor da OPS/OMS. Palestra proferida por ocasião do Seminário sobre a organização da Ciência em Enfermagem Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Outubro, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA DE CIÊNCIA DO ESTADO (SAO PAULO) *Ciência e Tecnologia no Estado de São Paulo: tecnologia Biomédica*. 1977. p. 17-26. (publicação ACIESP, 4).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem. Ribeirão Preto, 1979/80. 2v.
- ALMEIDA, M. C. P. et alii A produção do conhecimento na pós-graduação em enfermagem no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 33º Manaus, 1981 (mimeografado).
- BUNGE, M. Três políticas de desarrollo científico y una solo eficaz. *Interciência*, Caracas, 2(2):16, mar./abr., 1977.
- CAMPELLO, B. S. & CALDEIRA, P. T. Controle de teses no Brasil. *Rev. Esc. Bibliotecon*, UFMG, Belo Horizonte, 6(2):196-204, set. 1977.
- CUDDIHY, J. T. Clinical research: translation into nursing practice. In. *J. Nurs. Stud.*, Oxford, 16(1):65-72, Jan., 1979.
- CUMULATIVE INDEX TO NURSING & ALLIED HEALTH LITERATURE. Califórnia v. 26. n. 5, Sept./Oct., 1981.
- FERREIRA, D. V. Transferência de informação. Trabalho apresentado no Congresso Latino Americano de Biblioteconomia, 1º Salvador, setembro, 1980 (mimeografado).
- INDEX MEDICUS LATINO-AMERICANO. São Paulo. v. 3. n. 1, jan./jun., 1981.
- INTERNATIONAL NURSING INDEX. New York. v. 16, n. 3, Sept., 1981.
- KUMATE, J. Necesidade de información en la investigación biomédica. *Educ. Med. Salud*, Washington, 15(4):395-405, nov., 1981.
- LANCASTER, F. M. Acessibilidade da informação na pesquisa científica em processo. *Ci. Inf.* Rio de Janeiro, 4(2):109-17, out. 1975.
- LOPES, C. M. **Relatório das atividades do curso de pós-graduação de mestrado, para realização do exame geral de qualificação**. Ribeirão Preto, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto USP, 1981.
- OLIVEIRA, P. M. et alii. Utilização de periódicos em algumas bibliotecas biomédicas de Salvador: uma avaliação. CONGRESSO LATINO AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1º Salvador, 1980. *Anais*. Salvador, CAPES, 1980. v. 1, p. 435-64.
- POBLACION, D. A. & SILVA, M. D. Usuário da área saúde: necessidade de informação para adequação da transferência e tecnologia. CONGRESSO LATINO AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1º Salvador, 1980. *Anais*. Salvador, CAPES, 1980. v. 1, p. 335-74.
- SALOMON, D. V. **Como fazer uma monografia**. Belo Horizonte, Interlivros, 1974. 301 p.
- ZIMAN, J. **Conhecimento público**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1979.
- WATSON, J. Nursing's scientific quest. *Nurs. Outlook*, New York, 29(7):413, 1981.
- WHITE, K. L. Información para la atención de la salud: una perspectiva epidemiológica. *Ed. Med. Salud*, Washington, 15(4):369-94, 1981.